

FATOS E NOTAS

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA E O DESCOBRIMENTO CASUAL DO BRASIL.

Diz Fernão Lopes de Castanheda que, subordinado a Aires Correa, iam como escrivães da feitoria indiana Gonçalo Gil Barbosa e Pero Vaz de Caminha (1). Porém, as modernas investigações históricas concluem por admitir ter sido Caminha escrivão de bordo da nau de Cabral, pois viajou em sua companhia e tomou parte no conselho dos capitães.

Não comporta êste nosso modesto ensaio um estudo minucioso da carta e da personalidade de Caminha, mas apenas uma rápida análise das passagens mais importantes da sua epístola e que dizem com a tese que defendemos, a do descobrimento casual do Brasil por Álvares Cabral.

O documento em aprêço, como disse Capistrano de Abreu, “é o diploma natalício lavrado à beira do bêrço de uma nacionalidade futura” (2). Dizer da sua importância nesta discussão é desnecessário. Basta repetirmos o que disse o historiador português C. Malheiro Dias: “Pelo extravio ou destruição dos documentos de maior realce histórico, esta narrativa (carta de Caminha) assumiu a importância documental de prova; oficializou-se, tornou-se na frase decisiva de Capistrano de Abreu, “a base de tôda a história do descobrimento” (3).

Pois bem. Em cinco tópicos dessa carta encontramos declarações minuciosas e insofismáveis, provado que Cabral não conhecia em absoluto a terra que descobriu e, portanto, não podia ter a ela aportado intencionalmente com o escopo de tomar posse da mesma para a corôa portuguesa, segundo instruções secretas do rei D. Manuel.

A carta começa assim:

“Senhor:

“Pôsto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escreveram a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar mi-

(1). — História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses, Lisboa, 1833, volume I, página 96.

(2). — O Descobrimento do Brasil, Rio de Janeiro, 1929, página 238.

(3). — História da Colonização Portuguesa do Brasil, volume II, página 77.

nha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que — para o bem contar e falar —, o saiba fazer pior que todos”.

Como estamos vendo, Caminha declara que tanto Cabral como outros capitães escreveram a D. Manuel sôbre o sucedido. Isso significa que um acontecimento inesperado tinha ocorrido e que tal era a sua importância que obrigava todos os comandantes de navios a escrever ao rei. Seria êsse acontecimento o fato em si banal de ter o Capitão-mor aportado a uma terra já então conhecida do Govêrno Português? A boa lógica responde pela negativa e, de início, afasta a hipótese do descobrimento intencional do Brasil. Temos mais um argumento com relação à passagem citada e que é o seguinte: o escrivão de bordo da nau de Cabral não se contenta em dizer que a terra foi achada e acrescenta, **“que nesta navegação agora se achou”**, deixando bem claro que, anteriormente à arribada da segunda armada da Índia ao Brasil, ninguém, em absoluto, o tinha encontrado.

Narra Caminha em sua carta (fôlha 3) que, no dia 24 de abril, Cabral **“estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande no pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado”**, quando rodeado por quase todos os capitães de sua frota, esperava a vinda de dois habitantes da terra que descobrira e que tinham sido aprisionados por Afonso Lopes. Não é admissível, em hipótese alguma, que tendo o Brasil sido descoberto anteriormente à viagem de Cabral por qualquer navegante português, êste Capitão-mor ignorasse por quem era habitado e se paramentasse da maneira que nos conta o Epistolário para receber selvagens antropófagos. Não. Cabral ignorava completamente a existência da terra que descobrira e bem assim a espécie de seus habitantes, supondo naturalmente que ia entrar em contacto com um povo semelhante ao da Índia, havendo portanto conveniência de ostentar a riqueza, o luxo e o poderio dos portugueses.

No trecho referente ao ocorrido no dia 26 de abril (fôlha 5) a carta diz:

“Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual estava sempre levantada, da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual trouxe da nossa vinda e do achamento desta terra, confor-

mando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fêz muita devoção”.

Neste passo, o descobrimento da ilha de Vera Cruz **está ligado a um milagre da bandeira de Cristo**, o que é mui significativo e dispensa qualquer comentário, bastando frisar que nada pode ser mais fortuito, do que aquilo que se realiza pela vontade divina.

No comêço da fôlha 6 da carta, há êste tópicó de uma clareza cristalina:

“E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta nau, por ordem do Capitão-mor, com os quais êle se apartou, e eu na companhia. **E perguntou a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para melhor a mandar descobrir e saber dela mais do que nós agora podíamos saber, por irmos de nossa viagem”.**

Êste tópicó confirma em parte aquêle do início da carta e que já analisamos. O encôntro do Brasil tinha sido uma coisa imprevista e havia necessidade de pôr o rei a par do sucedido, enviando-lhe notícias pela nau dos mantimentos. Cabral não conhecia a terra onde tinha arribado e lembra a D. Manuel a conveniência de mandá-la explorar para melhor a ficar conhecendo, visto que disso não podia cuidar, por ter necessidade de cumprir a sua missão pré-estabelecida: aquela de seguir para Calicute. Fica evidenciado quanto de verdade tem êste passo da carta de Caminha, sabido é que, por ter Vespucci adquirido a bordo de navios espanhóis conhecimento das costas sul-americanas, D. Manuel tratou da sua ida a Portugal e o enviou em 1501, na qualidade de pilôto, com a expedição exploradora que partiu para o Brasil.

No verso da fôlha 11 da carta em tela, existe êste tópicó no qual o Epistológrafo sugere ao rei que mande catequizar os nossos selvagens:

“E pois **Nosso Senhor**, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, **por aqui nos trouxe**, creio que não foi sem causa”.

Ora, o escrivão de bordo da nau de Cabral em hipótese alguma teria usado dessa expressão, não teria de tal modo ape-Cabral e todos os da sua frota, ignoravam a existência de ter-

nos estabelecimentos de ensino m que as qualidades pedagógicas to-
vesse sido intencional.

ram intencionalmente em 1500.

verdade que essa máquina busca a própria conservação e tem
O protestantismo norte-americano geralmente de natureza mais prag-
carta de Pero Vaz de Caminha, o que fica evidenciado e que
lado para o espírito religioso do seu rei, **atribuindo a um mila-**
em Valença (Rio de Janeiro), em 1916 declarou que esta Igreja
ras ao ocidente da África (Brasil) e, portanto, aqui não chega-

T. O. MARCONDES DE SOUZA

Da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo e da
Société des Américanistes de Paris.